

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

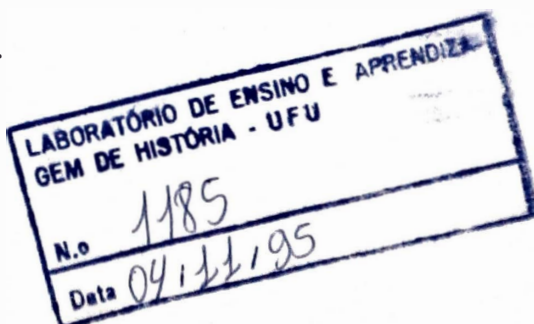
O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1637 s. 9
1c)

Antonio

RELAÇÃO DE MONOGRAFIAS DE 1987, (CURSO DE HISTÓRIA)

- Movimentos Sociais: CPT; entre Igreja Conservadora e progressista.
Angela Maria Alves.
- ✕ - O Movimento da Pastoral da Terra na Região de Uberlândia. ○
Gisvane Guedes Arantes.
- Atuação Política da Comissão Pastoral da Terra: A Igreja e os Mov. Soci.
Maria Helena G. Almeida.
- A Associação de Moradores de bairros e o Poder Público em Uberlândia:
Maria de Lourdes Silva. ○
- Movimento de Clubes de Mães em Uberlândia.
Marta.
- A Comissão Pastoral da Terra.
Maria Joana Costa.
- A Festa de N.S. do Rosário.
Luiz Humberto Zacharias.
- ol - Associação de Moradores e Amigos do bairro Tibery ○
Christiane dos Reis Ribeiro.
- ou - Associação dos Moradores do bairro Higino Guerra.
Márcia Cristina Tannús.
- ✕ - Manifestações Culturais populares e Ação do Poder Público em Uberlândia
x Regma Maria dos Santos.
- Espaço Urbano, industrialização e Movimentos Sociais em Uberlândia -
1959 a 1985. ○
Ronan Hungria.
- Movimentos Populares: Fundação da UTE
x Raul Marcos P. de Oliveira.
- Associação do bairro Jardim Umuarama ○
Zilda F. dos Santos.
- Associação de Moradores do bairro Santa Rosa - Liberdade
João Augusto Freitas - (Joca)



LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

ESPAÇO URBANO, INDUSTRIALIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS EM
UBERLÂNDIA - 1959/85.

Ronan Hungria.

As formas de dominação das elites se expressam e se justificam das mais diversas formas. No que se refere ao espaço urbano, podemos perceber que esta forma de dominação se expressa nos seus discursos, mas também em suas ações práticas, isto é, mesmo se colocando (ao nível do ideal) a favor de uma "harmonia social", onde todos são livres e iguais; é na realização desse "imaginário burguês", no concreto, através de sua visão de cidade, que vem a tona todas as contradições do seu discurso e práticas.

É a partir daí, que percebemos a preocupação das classes dominantes em apresentar nos uma cidade vistosa, progressista, harmoniosa, etc, o que reflete nas suas preocupações, em relação ao urbano, é uma política que atenda os seus interesses de uma infra-estrutura que lhe dê as condições, não só para o comércio, como também o estímulo à industrialização. O que acontece de fato! Pois é montado todo um aparato de melhorias tais como: asfalto, água, luz, telefones, segurança, etc. No centro da nave-cidade e em contrapartida, nos Bairros-Satélites, inexistente uma infra-estrutura capaz de atender as necessidades básicas de sobrevivência de uma grande parte da população. ①

É neste sentido que percebemos a existência de várias cidades dentro de uma mesma cidade, que expressa por assim dizer, as contradições de uma sociedade dividida em classes sociais distintas, tanto pelas suas condições de possuidores e despossuidores, quanto pela ocupação espacial no urbano.

Em Uberlândia, mesmo apresentando as suas especificidades não foge à regra do restante das cidades de porte médio no Bra

① É necessário estar atento para o fato de que a classe dominante não tem uma política monopolista e homogênea de suas políticas contraditórias (principalmente a respeito)

Os melhoramentos também chegam aos bairros periféricos } Estado sendo o possível ou não de se popularizar

sil. Prima-se pela beleza e iluminação dos seus parques, jardins, praças, o zelo com seus locais de moradia, como o centro da cidade os bairros nobres, etc, enquanto que os bairros periféricos carecem de infra-estrutura básica. Percebe-se aí uma racionalização e disciplinarização quanto à ocupação desse espaço urbano, que é dividido de acordo com os interesses e o poder político e econômico dos grupos dominantes.

É através desse contexto rico em contradições - entre um imaginário ufanista que prega a harmonia social, a industrialização e o desenvolvimento da cidade "para todos", ^{a realidade urbana} que se apresenta os ~~se~~ ^{seus} interesses despossuídos da população em geral, que reivindicam dos poderes instituídos (Estado, Prefeitura Municipal, etc) o atendimento de suas necessidades básicas para a melhoria de suas condições de vida - que nos propomos a estudar (além das aparências) o movimento social urbano, mais especificamente os de caráter popular em Uberlândia, a partir de 1959 até 1985.

I - DE UM IMAGINÁRIO PROGRESSISTA CONSTRUÍDO PELAS CLASSES DOMINANTES, (HÁ) UMA REALIDADE ADVERSA (AOS) DESPOSSUÍDOS.

A partir da instalação do (parque) industrial na década de 60, atualmente bairro Industrial, consuma-se em Uberlândia toda uma apologia ufânica, gestada anteriormente à década de 60. Tanto nos jornais locais, como também nas revistas e nos boletins informativos da prefeitura, encontramos os discursos: "Uberlândia é uma cidade sem crises, pois todos nela trabalham: é cidade jardim". O alardeado da burguesia não só local como nacional é também multinacional! Não é à toa que o Jornal Triângulo, há 30 anos atrás relatava como matéria de primeira página o seguinte: "Na passagem dos 70 anos de vida como município, Uberlândia apresenta hoje um aspecto de uma das mais progressistas metrópoles do Brasil, com 70 mil habitantes, 27.408 eleitores, 300 indústrias aproximadamente, 1000

Por que a indústria não se refere ao processo de urbanização? Ou a uma espacialização progressista?

estabelecimentos comerciais, 50 médicos, 30 advogados, 13 prédios, 20 engenheiros, 50 dentistas e com uma produção comercial e industrial que faz inveja. (...) A cidade jardim, em cifras e em aspectos não encontra rival em todo o triângulo mineiro".⁽¹⁾ O mesmo jornal um ano antes (1957) perguntava "o nosso tão ativo governo (por que) não entra na batalha (da industrialização da cidade) com todos os recursos e com o seu indiscutível prestígio?". E a seguir conclui: "O governo não tem negado apoio para o desenvolvimento industrial!". Já outro jornal, O Correio de Uberlândia, do mesmo ano diz: "Tudo em prol da industrialização", alegando que está "concorrendo para a concretização de um dos nossos grandes objetivos que é a industrialização de nossa terra".⁽²⁾

Aqui já percebemos os esboços e projetos de industrialização e redimensionamento do espaço urbano em Uberlândia, isto é, como se dá a configuração e a percepção de CIDADE, que os setores das classes dominantes tentam impor ao conjunto da sociedade uberlandense. É interessante percebermos, também, que embora, estes projetos fossem específicos aos setores industrializantes da cidade, eles são passados ao nível do discurso, como uma necessidade e preocupação de todos os moradores da cidade.

Neste sentido entende-se o porque e o peso das forças políticas de suas entidades classistas, representativa dos vários segmentos hegemônicos, que decidem por assim dizer os destinos da cidade e região. Por outro lado, percebe-se estampado nas ruas, praças e placas, os monumentos que exaltam os "grandes personagens e heróis" do local, tanto os que já se foram, quanto aos que estão vivos.⁽³⁾

Não é por acaso que estes setores se organizam em entidades, tais como Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB); Clube dos Diretores Lojistas de Uberlândia (CDL); Centro de Aperfeiçoamento Municipal Agropecuário e Rural de Uberlândia (Camara)⁽⁴⁾; além de sindicatos por categorias patronais, e os partidos políticos, com várias ordens de siglas.

[É com esta visão] de cidade asséptica, sem crises, ordeira e pacífica, "megalópole do ano dois mil" que encontramos outra cidade em oposição á imaginada, que comporta: as favelas, os mendigos, os desempregados, os bandidos, prostitutas e homossexuais, a violência, etc. Enfim, o que podemos ver é uma cidade que na medida em que vai se urbanizando, industrializando e enriquecendo; estas riquezas produzidas socialmente não tem um retorno para quem as produziu. Mas, sim, para alguns grupos que detém, ou que são privilegiados pelos meios de produção.

II - OPÇÃO METODOLÓGICA

Mesmo que a periodização (o recorte em tempo e espaço) possa trazer prejuízos e precariedade para o real, o que temos a ressaltar é que a opção por um corte temporal e espacial se dá por alguns motivos: primeiro, em função de uma visão ampla das relações sociais que envolve um espaço determinado - neste caso Uberlândia - (como) também percebe-se que esta relação não é isolada em si mesma, mas que se apresenta interligadas entre si, em um contexto que mesmo apresentando especificidades estão permeadas das relações: de poderes, de trocas, de valores, etc; segundo, porque em função da proposta anterior - "movimento popular nos trilhos, estudo de caso" - não me permitia perceber uma série de contradições subjacentes a esse movimento, como também, o mesmo torna-se "receptáculo" de vários outros movimentos - tanto ao nível das resistências, sejam elas organizadas ou "surdas"; e finalmente em 1959, temos um dos 11 tipos movimentos de caráter popular e explosivo antes do golpe militar de 64, como também em 1985, com a participação - enquanto professor de uma escola de bairro - junto aos moradores do Bom Jesus, é que passamos a compreender e a dar importância a esse objeto, não só na prática, como teoricamente.

Por outro lado, não cabe aqui uma prática maniqueísta, colocando como "mal" a proposta anterior e como "bem" esta outra

proposta. Mas, sim, que através do enfrentamento com a questão do "estudo de caso", pude superá-lo, e partir para uma proposta: que é o corte do objeto em espaço e tempo mais dilatado, problematizando-o a partir de suas evidências empíricas.

D.F. 16-3
Ao trabalhar com esse corte (59/85), justifica-se por 'compreender momentos significativos no que se refere aos projetos' de industrialização e re-urbanização da cidade, como também do as-censo dos movimentos populares. Porém nada impede que possamos dis-cutir outros momentos significativos, seja temporal ou espacial. A intenção é trabalhar este momento, enquanto um referencial históri-co que se justifica por ter interferido no cenário da cidade idea-lizada e ter explicitado, assim, a suas contradições; onde pre-tendemos abordar, questionar, discutir e dialogar com alguns dos mo-mentos mais significativos, tais como:

Em 59, Uberlândia torna-se palco de ebulição social acen-tuada, "quebra-quebra" que começa dentro do cine Regente - pelo au-mento dos preços dos ingressos - e alastra-se por toda a cidade envolvendo um enorme contingente de trabalhadores, dona de casa, ve-lhos, rapazes e crianças. (Jornais: O Triângulo 21, 22 e 24/01/59 ; Correio de Uberlândia 22 e 23/01/59).

60, Uberlândia se antes era tido como um ponto geoestra-tégico; com a inauguração de Brasília em 60 se afirma enquanto poi-to geopolítico de defesa e segurança interna.

Com o golpe militar em 64, "parece desaparecer" to^{das} as con-tradições da cidade. Temor o fechamento da UFGU - União dos Estu-dantes Secundaristas de Uberlândia - em 68, intervenção nos sin-dicates, partidos, etc.

70 a 73, euforia da "classe média" com o chamado "mila-gre econômico brasileiro".

76/77, repercussão das famosas greves dos metalúrgicos do ABC Paulista.

79, esboço mesmo que tímido de uma resistência organi-zada; construção do IT; repercussão da greve dos professores de Mi-nas Gerais, reconstrução do DCF local e UFF mineira.

81, discussão e implantação do I CCNCIAT local, que mais tarde (83) tornar-se-á a CUT em Uberlândia.

82, eleições de um governo municipal tido como de oposição ao regime militar; reconstrução da UESU e de várias outras entidades, sindicatos, oposições, etc.

83/84, implantação das sedes do PCB e PC do B, manifestações pelas Diretas Já.

85, greve da construção civil; luta dos moradores do Bairro Bom Jesus pela retirada dos trilhos da Av. Monsenhor Eduardo.

Diante deste quadro que nos mostra concretamente os variados esboços de resistências, ante aos projetos da classe dominante é que se pretende: recuperá-lo enquanto um momento socialmente construído; fazer uma análise deles com a expectativa de que eles venham contribuir para informação e formação da sociedade como também das pessoas que hoje intervêm neste social.

III - POR ONDE ANDAM NOSSAS IDÉIAS A CERCA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS E POPULARES?

Ao participar junto com os moradores do bairro Bom Jesus no processo organizativo que culminou com a retirada dos trilhos da Av. Monsenhor Eduardo em 85; algumas questões se colocavam a cerca daquele movimento: a) Qual a sua dinâmica de organização interna e externa e qual o seu nível de relacionamento com outras entidades e o poder local (prefeitura municipal)? b) Existe uma especificidade para os movimentos sociais urbanos e o que são estes movimentos sociais urbanos e populares? c) Ou melhor, qual a relação da emergência desses movimentos sociais com o redimensionamento do espaço urbano e o processo de industrialização pela qual passara a "cidade idealizada pelas elites"?

A partir destas indagações, passei a ter contatos com diversas bibliografias e fontes que dizem respeito ao movimento social urbano. De Para Baquero (que não é o único, mas uns dos mais expressivos), as atividades de participação política se dividem em CONVEIÇIONAIS que são votar em eleições, dedicar tempo a um parti-

do, contractar politicos pessoalmente, etc e que universalmente aceites; NÃO CONVENCIONAIS que são assinar petições, realizar passeatas, participar de greves, ocupar recintos públicos, usar de violências, etc e que não existe definições universais para esta forma de participação política.

Sem querer entrar no mérito de uma definição universal para os movimentos populares⁽⁵⁾ entendemos estes movimentos (5) em quanto uma forma de resistência e luta por melhores condições de vida, ante aos projetos de dominação das classes dominantes, que aparelham o Estado para exercer a sua política. Como também cabe compreender, por outro lado, quem são e o que fazem os protagonistas desses movimentos⁽⁶⁾, enquanto classe social, despossuída dos grandes meios de produção e que muitas vezes não participam diretamente da esfera de produção.

NOTAS

1- Jornal O Triângulo, nº 540 de 31/08/58, os dados que o jornal se refere está baseado no censo de IBGE de 1956.

2- Jornal Correio de Uberlândia, nº 4750 de 24/03/57. Confira também a recente publicação da Revista Veja, nº 1002 de 18/11/87; como matéria de capa "Uberlândia (MG); sua vida e seus costumes. Interior: um Brasil longe da crise".

3- Observa-se por exemplo nomes: de Anfiteatro Rondon Pacheco, "ho mem público" que não teve participação ou envolvimento com a arte, ou então Avenida Rondon Pacheco, apoteose do caos em função das últimas chuvas no final de 86; Estádio Esportivo Virgílio Galassi - o parque do sabiá - político notadamente de direita que possui grandes riquezas; praça Tubal Vilela e Sérgio de Freitas Pacheco, etc.

4- Cabe observar que através da participação ativa dos latifundiários desta região, que foi fundada aqui no Triângulo Mineiro a União Democrática Ruralista (UDR), tendo á frente como seu primeiro Presidente, Odélmo Leão Carneiro, atualmente presidente do Sindicato Rural de Uberlândia e da FAEMG (Federação dos Agricultores do Estado de Minas Gerais)

5- Como nos sugere o Centro de Estudos e Cultura Contemporânea (CEDEC) por: reivindicações, associativos e de protestos, de moradores da periferia, em torno de: uso do solo e habitação, serviços básicos e proteção social.

E que assume, assim, suas características e peculiaridades próprias: Cebis, creches, custo de vida, desempregados, donas de casas, ecologia, favelas, habitação, invasão de terras urbanas, loteamento clandestino, transportes, violência urbana, moradores de bairros, SAs, etc.

6- Que segundo Luis Eduardo Wanderley, compreende-se por "popular" ou "classes populares": os operários de fábricas, o proprietário rural numa agro-indústria, o camponês, os pequenos proprietários, funcionários públicos, os "marginais" (lumpem proletariado), os desempregados, os indígenas, o profissional liberal e setores da pequena burguesia.

IV - FONTES E BIBLIOGRAFIAS

I - FONTES

Alternativa de Habitação e grupos marginalizados. Uma experiência de Uberlândia. FMU - Gestão Democracia Participativa ' 82/88.

ARANTES, Jerônimo. Memória Histórica de Uberlândia,- Setor Ferroviário - A Alta Mogiana. Ubergal, 1970.

Boletim Câmara Municipal de Uberlândia. Uberlândia, 1935
Organizado pelo vereador Dorivaldo Alves do Nascimento.

Entrevistas realizadas com vários militantes do movimento sindical e popular de Uberlândia.

Fotografias do autor e do arquivo João Quituba.

Jornais: O Triângulo, O Correio de Uberlândia, Primeira Hora e Participação da FM.

Livro Ata 84/85 - Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia.

Movimentos Sociais Urbanos. Levantamento bibliográfico. Documentação 06, CEDEC. S.P. 85.

Projetos de Pesquisa. Uberlândia, 1959. A multidão em protesto - sob orientação de Lúcia Margareth Rago, mimeogr. 82.

REZENDE, Zaire. A Prática da democracia participativa ' em Uberlândia/MG. In: Democracia feita em casa. Neto, H (org.) Câmara dos Deputados.

Revista Veja, nº 1002, 18/11/87 - Uberlândia(MG) : Sua vida e seus costumes. Interior: um Brasil longe da crise. pp.66 a 73.

Script. Peça teatral referente ao movimento dos moradores do bairro Bom Jesus (autores: Edsel Brito e Agostinho Bizino - te).

Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social. Democracia

cia Participativa - A Experiência de Uberlândia. PMU.

Texto síntese - "Economia do Triângulo Mineiro: Subsídios para uma análise histórica". (Carlos A. Brandão e Roberto C. Sam paio).

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História e Criação do município de Uberlândia. Uberlândia. U berg al. 1970. vol. 1 e 2.

Trabalhadores Urbanos no Brasil/82-84. Aconteceu Especial. 16. CEDI.

Uberlândia: Investimentos privilegiados, órgão de publicação da PMU - 71/72. - Gestão Virgílio Galassi.

II - BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. de. MSU: Conteúdo Social do Movimento popular de Santo André. Dissertação mestrado. mimeog.

BAQUERO, C.M. Participação Política na América Latina. RBFP/UFMG Jul. de 85.

BRANDÃO, C.R. Pesquisa Participante. São Paulo. Brasiliense, 1986.

CARRESCO, Giro F.S. Uma introdução à História. São Paulo. Brasiliense, 1986.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.

CHIAVENATO, Julio J. Geopolítica, arma do fascismo. São Paulo. Global. 1981.

CONTRASTO. Rio de Janeiro. Asialé. V. 04/nº 04, Jan/Jun. 1980.

DEL ROIO, José L. Movimentos Populares no Brasil. São Paulo. Global, 1986.

GUATTARI, Félix. Entrevista Lula. São Paulo. Brasiliense, 1982.

KNOFF, Alfredo A. Cidades: a urbanização da humanidade. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

MOISÉS, J.A (et alli). Alternativas Populares da Democracia: Bra -
sil anos 80.

_____, Contradições Urbanas e Movimentos Sociais.
Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.

_____, Cidade, Povo e Poder. Rio de Janeiro, 1981.

SCHAPF, Adam . História e Verdade. São Paulo. Martins Fontes, 1986.

SINGER, Paul. Movimento de Bairro em São Pulo. S/ed. S/data, mimeo
grafado.

THIOLENT, M. Crítica Metodológica á Investigação Social e Enque-
te Operária. São Paulo. Polis, 1980.

NUNES, Antônio C.F. Além da greve. São Paulo. S/ed. S/data.

THOMPSON. E.P. A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros. Rio
de Janeiro. Zahar, 1978.